

MUNDO NOVO

No lugar das casas de madeira que conheci antigamente, Londrina está cheia de prédios novos — e os edifícios de cimento armado, de linhas modernas, crescem em vários pontos. A cidade tem todo o conforto, tem vida noturna com damas cariocas, argentinas e uruguaias, tem "boite", pode chamar cantores internacionais que não vão a Curitiba — e tem também uma das maiores criminalidades do mundo. Não é segredo para ninguém que muitas autoridades já foram corrompidas aqui: é difícil, com um ordenado mesquinho, ter uma verdadeira ascendência em uma terra em que as fortunas nascem de súbito e a vida é frequentemente mais cara que no Rio de Janeiro. Faço a barba em um barbeiro qualquer, de uma rua qualquer, e me cobram o mesmo preço do barbeiro do anexo do Copacabana Palace Hotel; sete cruzeiros, isto é, pelo menos dez, com a inevitável gorgeta. Assim é tudo. Esse hotel em que me instalo é propriedade de um médico vindo há alguns anos, sem um tostão no bolso, tentar a vida...

O atual delegado de polícia é um homem alto, pouco falante, de cara de nenhum amigo. Ele mesmo me diz que não pretende fazer amizades aqui; é um homem de posses, que veio para combater o crime e a corrupção. Está aqui apenas há dois meses e já fez uma bela safra de estelionatários. Conhece um certo número de espertalhões financeira e politicamente bem colocados e espera uma "chance" de prendê-los. Está "limpando" a cidade antes que chegue a safra do café, esta safra será enorme, os gordos cafeeiros estão com uma carga soberba) quando os crimes se multiplicam. As roteiras são feitas especialmente com conhecimentos de café, cheques sem fundo, venda de fazendas pertencentes a terceiros: golpes de centenas de contos, dados em poucos minutos, criando depois, entre o "otário" e terceiros, situações difíceis de resolver. Os lavradores japoneses são vítimas frequentes desses espertalhões. Recentemente apareceu um tipo original, que vendeu a dezenas de balanços, paulistas, mineiros, japoneses, polacos, etc., enormes, brilhantes e falsas condecorações do governo da... Bolívia. Os rudes desbravadores do Norte, enriquecidos em poucos anos, queriam enfeitar-se com medalhas.

Alguns homens ricos tratam de morar e viver bem; a maioria, entretanto, emprega dinheiro em novas terras e plantios, arma nova casa de pinho junto a uma nova floresta, continua a trabalhar furiosamente para ganhar mais dinheiro. A cidade é toda calçada, mas os caminhões e ônibus trazem para as ruas a lama e a poeira da fecunda terra roxa. A gente se ensaboa e se lava duas, três vezes, e no fim a toalha ainda fica avermelhada. Começam a nascer indústrias: a construção de uma hidrelétrica mais poderosa é essencial para estas cidades onde se montam apressadamente os conjuntos diesel. Aqui, onde se queima tanto óleo e tanta gasolina, e todo o progresso e a própria vida da cidade e da lavoura está na dependência desses produtos, é que se pode sentir com mais angústia até que ponto é vital para o Brasil intensificar a exploração do petróleo. O atual governo do Paraná vai asfaltar ou cimentar 1.000 quilômetros de estrada, e constrói muitas outras; o Paraná precisa ainda de muito mais estradas para poder cumprir o papel portentosamente importante que de súbito assumiu na vida do Brasil. Dentro de três anos será talvez o maior produtor de café — isto é, de divisas.

E Londrina, capital desse mundo novo, cresce com imponência, fica importantemente urbana, gasta seus montes de dinheiros com uísque, cimento e luxos; mas a poeira do trabalho ainda lhe dá um ar rude, o barulho dos caminhões carregados ainda lhe proíbe qualquer doçura — pois só a idade e a discreta indolência podem fazer a cidade dos homens abençoada pelo espírito, pela sabedoria e pela graça de viver.

23. 7. 52

R.B.

"2 Rep. Paraná"